

Dados da obra	
Título	Na Rota do Dinheiro Sujo: Episódio “Remédio Amargo”
Direção	Alex Gibney
Produção	Jigsaw Productions / Netflix
País de origem	Estados Unidos
Ano	2018
Duração	1h 3min
Gênero	Documentário / Investigativo
Publicação	Disponível em: Netflix
Assuntos	1. Corrupção corporativa. 2. Indústria farmacêutica. 3. Governança e ética empresarial. 4. ESG. 5. Saúde pública.
Resumo	O episódio “Remédio Amargo” expõe como a busca por lucro no setor farmacêutico levou à crise dos opioides, revelando graves falhas éticas e de governança. A análise ESG mostra o colapso dos pilares ambiental, social e de governança diante da negligência corporativa e da manipulação do sistema de saúde.

O episódio “Remédio Amargo”, da série Na Rota do Dinheiro Sujo, traz a história da Valeant Pharmaceuticals de um jeito que incomoda — e deveria incomodar. O documentário mostra como uma empresa que deveria existir para melhorar vidas acabou se tornando símbolo de ganância, manipulação financeira e indiferença humana. Ao olhar esse caso pela lente ESG, é impossível não enxergar o quanto a busca cega pelo lucro, quando descolada de qualquer responsabilidade ética, pode transformar o setor da saúde em algo profundamente desumano.

Apesar de o foco do episódio ser o comportamento financeiro e contábil da empresa, fica claro que a dimensão ambiental quase nem existia dentro da Valeant. A companhia não parecia minimamente preocupada com práticas sustentáveis, inovação responsável ou impacto ambiental. A lógica era simples e brutal: cortar custos, comprar empresas, aumentar preços, inflar o valor das ações. Num modelo que depende de resultados imediatos

e recompensas executivas atreladas ao preço da ação, pensar em sustentabilidade — seja ambiental ou social — virava quase um obstáculo.

Mas o que realmente escancara a profundidade do problema é o impacto social. A Valeant comprava medicamentos essenciais e multiplicava seus preços por cinco, por oito, por dez — sem qualquer justificativa clínica, sem melhora terapêutica, sem pesquisa adicional. E do outro lado desses preços estavam famílias reais, muitas de classe média baixa, que de um mês para o outro não conseguiam mais pagar um remédio que mantinha um filho vivo, que controlava uma doença crônica, que permitia que alguém continuasse trabalhando. O documentário mostra esse sofrimento de forma dura: pessoas sendo obrigadas a escolher entre pagar o aluguel ou comprar um medicamento que sempre esteve ao alcance. É devastador.

E essa dor social tem tudo a ver com a estrutura do sistema de saúde dos Estados Unidos. Lá, a maior parte das pessoas depende de operadoras de saúde privadas (health insurance companies). Esses planos funcionam numa lógica mercadológica: eles negociam preços com as farmacêuticas, definem quais remédios serão cobertos e estabelecem quanto o paciente terá de pagar do próprio bolso. Quando a Valeant disparou artificialmente o preço dos medicamentos, muitos planos simplesmente deixaram de cobrir ou passaram a exigir co-pagamentos absurdos. Assim, o efeito não ficou restrito à indústria — caiu diretamente no colo de quem menos tinha poder para reagir: famílias comuns, pacientes com doenças raras, idosos que não conseguem trabalhar para complementar renda. A engrenagem inteira foi contaminada por essa lógica predatória.

O episódio também traz um elemento pouco comentado no debate público brasileiro, mas central no caso: a atuação dos investidores que faziam venda a descoberto (short selling). Isso significa operar no mercado apostando que o preço da ação vai cair — na prática, o investidor pega ações emprestadas, vende por um preço alto e depois recompra quando (ou se) o preço cair. É uma aposta contra a empresa. No caso da Valeant, esses investidores soaram o alarme muito antes do escândalo estourar: eles identificaram inconsistências, estruturas financeiras suspeitas e alertaram que “algo cheirava mal”. Foram muito atacados na época, mas acabaram se mostrando corretos. Paradoxalmente, foram eles — investidores especuladores — que ajudaram a desmontar a narrativa de uma empresa que se vendia

como inovadora, mas que na verdade construía valor com alicerces fraudulentos.

O pilar da governança, nesse caso, não apenas falhou: ele ruiu por completo. A Valeant operava com engenharia financeira opaca, usava farmácias intermediárias para inflar números e apresentava resultados distorcidos para o mercado. A remuneração dos executivos era inteiramente guiada pelo preço da ação, criando um incentivo direto para práticas de risco e manipulação. Era um ambiente onde conselhos de administração preferiam não perguntar, auditores não aprofundavam e acionistas celebravam enquanto o castelo de cartas crescia.

Para mim, o caso da Valeant evidencia algo que vai além dessa empresa específica: expõe o limite ético do capitalismo. Sei que vivemos dentro desse sistema e que não temos, no curto prazo, uma alternativa funcional para substituí-lo. Mas também sei que é ilusório acreditar que o lucro, por si só, pode ser um princípio ético. O capitalismo não recompensa cuidado, responsabilidade ou empatia — recompensa retorno financeiro. E é exatamente por isso que, se estamos condenados a conviver com esse modelo, o mínimo que se espera é que ele seja conduzido com ética, transparência e respeito humano. Sem isso, o resultado é sempre o mesmo: sofrimento real de pessoas reais.

O colapso da Valeant não foi apenas o colapso de uma empresa; foi o colapso de uma lógica que prioriza o valor de mercado acima da vida. “Remédio Amargo” não fala só sobre uma fraude corporativa — fala sobre o risco social de permitir que a saúde seja tratada apenas como commodity. E a lição é clara: quando uma empresa de saúde ignora ESG, ela não está apenas destruindo sua reputação; está destruindo o que deveria ser sua razão de existir — o cuidado com pessoas.